

Supremacia do eu-filósofo, efeito no outro: uma análise da “Primeira caminhada”, de *Os devaneios do caminhante solitário*, de Rousseau

Supremacy of the philosopher-self, effect on the other: an analysis of the ‘First Walk’ in ‘The reveries of the solitary walker’ by Rousseau

LARISSA CAROLINA DE ANDRADE

Doutoranda em Estudos Literários (UFPR)

E-mail: larissa.carolina.93@gmail.com

Resumo: Rousseau, em *Os devaneios do caminhante solitário*, obra póstuma e inacabada, publicada em 1782, problematiza a questão do eu, embaçando, no plano literário, a tríade autor-texto-leitor, cujo efeito pode ser assim resumido: alheio aos seus iguais, radicaliza a si mesmo num movimento que diz algo sobre si, para si, sobre o outro e para o outro, de modo que a partir “deles” seja possível chegar a “mim”, a fim de conhecer e dar a conhecer “o que sou”. Logo, “o que sou” desdobra-se em “o que somos” em realidade, ficção, razão e imaginação (devaneio). Assim, assumindo-se que as Luzes não foram senão um conflito sobre o sentido a dar ao conflito, “não há Luzes sem crítica, não há crítica sem os outros, não há outros sem ficção” (BINOCHE, 2018, p. 27, tradução nossa). Esta é a proposta de leitura da “Primeira caminhada” de *Os devaneios do caminhante solitário*.

Palavras-chave: Rousseau; Filosofia; Iluminismo; Literatura.

Abstract: In “The Reveries of the Solitary Walker,” a posthumous and unfinished work published in 1782, Rousseau problematizes the question of the self, blurring, on the literary plane, the triad author-text-reader. The effect can be summarized as follows: alienated from his peers, he radicalizes himself in a movement that says something about himself, to himself, about the other, and to the other, so that from “them,” it is possible to arrive at “me,” in order to know and make known “what I am.” Thus, “what I am” unfolds into “what we are” in reality, fiction, reason, and imagination (reverie). Assuming that the Enlightenment was nothing more than a conflict over the meaning to be given to the conflict, “there is no Enlightenment without criticism, there is no criticism without others, there are no others without fiction” (BINOCHE, 2018, p. 27). This is the proposed reading of the “First Walk” from “The Reveries of the Solitary Walker.”

Keywords: Rousseau; Philosophy; Enlightenment; Literature.

1 O LUGAR DO LEITOR NOS DEVANEIOS DE ROUSSEAU

Em *Os devaneios do caminhante solitário* (ROUSSEAU, 2017), obra póstuma e inacabada, publicada em 1782, Rousseau problematiza a questão do eu, embaçando, no plano literário, a tríade autor-texto-leitor. O filósofo, afastado de uma sociedade que o

execra¹, dobra-se sobre si mesmo a fim de alcançar algum autoconhecimento resultante de sua condição de caminhante solitário em meio a natureza, cujo efeito pode ser assim resumido: alheio aos seus iguais, radicaliza a si mesmo num movimento que diz algo sobre si, para si, sobre o outro e para o outro, de modo que a partir “deles” seja possível chegar a “mim”.

Rousseau (2017, p. 15) assim inicia seus *Devaneios*:

Eis que me encontro, então, sozinho na Terra, não tendo outro irmão, próximo, amigo ou sociedade além de mim mesmo. O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos foi dela proscrito por um acordo unânime. Procuraram nos refinamentos de seu ódio que tormento poderia ser mais cruel à minha alma sensível, e romperam violentamente todos os laços que me uniam a eles. Eu teria amado os homens a despeito deles mesmos. Foi apenas deixando de ser homens que puderam se subtrair a meu afeto. Ei-los, portanto, estranhos, desconhecidos, enfim, inexistentes para mim, pois assim o quiseram. Mas, quanto a mim, afastado deles e de tudo, o que sou? É o que resta descobrir. Infelizmente, essa busca deve ser precedida de uma olhadela em minha posição. É uma ideia pela qual devo necessariamente passar, para deles chegar a mim.

Neste artigo, busca-se refletir sobre a supremacia desse eu rousseauiano ao acompanhar sua “Primeira caminhada”, que integra *Os devaneios do caminhante solitário*, a fim de trazer para discussão um questionamento também aventado pelo século das Luzes – o que é ser um filósofo? Ou, conforme as inquietações de Rousseau, afastado de tudo e de todos, “o que sou”? Essa escolha, é claro, não é à toa, visto que nesse discurso está costurada uma outra posição de Rousseau frente a opinião pública, diferentemente, por exemplo, daquela de *Confissões*, e cuja crítica ao uso público da razão, na esteira de Kant (2008), de certa maneira, a movimenta, característica constitutiva do próprio movimento iluminista, cuja premissa está assentada na ideia da não cristalização de ideias.

Se, nas *Confissões* e nos *Diálogos*, Rousseau estava preocupado em revelar(-se) a verdade a seu leitor e transmiti-la à posteridade, como bem lembra já ao final de sua “Primeira caminhada” – “Eu escrevia minhas primeiras *Confissões* e meus *Diálogos* numa preocupação contínua quanto aos meios de desviá-los das gananciosas mãos de meus perseguidores para transmiti-los, se possível, a outras gerações” (ROUSSEAU, 2017, p. 21-22) –, em *Devaneios*, ele quer “apagar” seu público-leitor, já que toda a esperança de

¹ Rousseau (2017, p. 15) refere-se a seu destino da seguinte maneira: “[...] Podia eu, em meu bom senso, supor que um dia o mesmo homem que eu era, o mesmo que ainda sou, passaria ou seria tido, sem a menor dúvida, por um monstro, um envenenador, um assassino; que eu me tornaria o horror da raça humana, o juguete da canalha; que a única saudação que me fariam os passantes seria cuspir em mim; que uma geração inteira se divertiria, de acordo unânime, a enterrar-me vivo? [...]”.

trazer o público de volta para seu lado está perdida. Esse jogo retórico, ao que parece, reforça o construto de sua própria imagem de filósofo, bem como a escolha de uma escrita sem referência fixa, concordante com essa investida de um eu sozinho e errante na natureza à procura de si. Rousseau está, portanto, à margem da sociedade ilustrada, sendo por ela vilipendiado; sua linguagem devaneante visa justamente a “[...] escapar do ensurdecimento produzido pela saturação dos signos [...]” (FIGUEIREDO, 2007, p. 146) por meio da divagação, chegando, até mesmo, ao limite da fantasia, do delírio. Entretanto, não se trata de assumir que Rousseau tenha evidenciado os limites da esfera pública, colocando-se ao largo, como dono de uma lucidez ímpar, contra todos os antifilósofos, mas de reconhecer os recursos retóricos que ele mobiliza a favor de dizer algo sobre si. Compartilho do questionamento e ponto de vista de Figueiredo (2007, p. 149):

[...] Por que não aventar [...] que o narrador das caminhadas dissimule [...] suas intenções – que Rousseau, em suma, esteja querendo *nos* dizer algo, ao afirmar que já não escreve para ninguém? Antes, portanto, de concluir que os *Devaneios* selam a retirada de cena para o exílio da sinceridade, convém examinar se, ao contrário, através deles Rousseau não busca incitar o leitor a problematizar o código de leitura “natural” do *Publikum* em que se alojaram os *philosophes*, a fim de forjar a compreensão do homem [...].

A esse código de leitura “natural” aduz o entendimento de um público aparentemente neutro; Rousseau, com *Devaneios*, questiona essa hegemonia do público ilustrado, assumindo, para tanto, sua situação de subtraído da sociedade esclarecida e permitindo-se falar de si para si, ou seja, trata-se de se valer da linguagem em seu domínio performativo². Figueiredo aponta para a necessidade de o leitor de *Devaneios* sair de sua posição de “leitor esclarecido” a fim de entrar nesse romance, pois

[...] A condição de ingresso, assim, corresponderia a nossa disposição em relativizar as certezas prévias, o alcance crítico da teoria do leitor e da seleção que ela implica medindo-se pela sua eficácia em descontextualizar o público e em revelar, sob a superfície que reflete seu consenso, as fissuras dissimuladas pelo otimismo político da Ilustração³ [...] (FIGUEIREDO, 2007, p. 150-151)

² O ato de fala performativo é inaugurado quando a linguagem passa a ser compreendida como ação.

³ Esse otimismo pautado por Figueiredo (2007), embora, em certa medida, seja verdadeiro, não visa, do ponto de vista adotado neste artigo, a dissimular as fissuras do Esclarecimento, pois, se assim o fosse, o Iluminismo estaria condenado a deixar de ser um movimento crítico, sem “lugar no mundo” porque disposto a passar todas as ideias pelo crivo da razão. Nesse sentido, portanto, Rousseau, ao se dizer afastado das Luzes, de seus leitores aparentemente esclarecidos, está também montando o próprio relógio do Iluminismo ao “montar a si”. Valho-me, para tanto, da

Logo, o narrador de *Devaneios* coloca seu leitor num “não-lugar”, haja vista seu ceticismo diante das operações críticas desse leitor, visto pelo narrador como homogeneizado pelo Esclarecimento⁴ e, por isso mesmo, contaminado por um tipo de falsa ilustração. O efeito desse discurso é, no mínimo, curioso: primeiramente, esse narrador, refratário ao domínio do Iluminismo na sociedade francesa, dá mostras de que seu modo de pensar também é resultado desse movimento, ou seja, tal afastamento é apenas retórico, ainda que, fisicamente, ele estivesse subtraído de tudo e de todos; em segundo, ao negar seu leitor, na verdade lhe abre as portas sob outra perspectiva (e novamente aqui aparece um elemento importante ao uso da razão pública), qual seja:

Este não-lugar é ocupado sucessivamente por cada consumidor informal da obra póstuma, que com isso se coloca em uma posição bizarra. Pois, barrados na entrada, temos de nos haver com o fato de que lemos o texto como quem bisbilhoteia a intimidade alheia pelo buraco da fechadura, com as consequências morais que esse rebaixamento implica – e cuja vigência permanece válida mesmo sob a hipótese, aliás bastante plausível, de que Rousseau *saiba que está sendo visto*. Não é, então, apenas Rousseau quem, ‘condenado à solidão por uma humanidade totalmente perversa, pudesse reencontrar, no seu trato solitário com as flores, a ideia ou a imagem da humanidade perdida’; também nós, visitando a cidade proibida, constatamos que a humanidade se personificou em um narrador para o qual os homens se tornaram *inexistentes*, ‘visto que assim o quiseram’. Lemos o que fizemos de nós através do devaneio solitário. (FIGUEIREDO, 2007, p. 151-152)

Desse modo, os efeitos desse discurso que pretensamente fala sobre si e para si conduzem, na verdade, a um leitor que fora negado logo na entrada, e as consequências a esse leitor, agora existente, são da ordem do Esclarecimento, de modo a direcionar mais uma vez o olhar crítico para a humanidade. Portanto, Rousseau continua fazendo uso público da razão mesmo em seus *Devaneios* (ou sobretudo neles), na medida em que, assim como define Kant (2008), faz uso de sua liberdade em todos os domínios, afirmando-se “sozinho na Terra [...] arrancado, não sei como, da ordem das coisas, [...] precipitado num caos incompreensível, no qual não percebo absolutamente nada; e quanto mais penso em minha situação presente, menos posso compreender onde estou”

definição de Voltaire (2008, p. 291) de filósofo: “É como um relógio, que, por assim dizer, às vezes se monta a si mesmo”.

⁴ Em sua *Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento*, Kant (2008, p. 407) define o Esclarecimento como a ação de “Ousa fazer uso de teu próprio entendimento!”, sendo o esclarecimento a saída do ser humano da menoridade, condição esta causada por ele mesmo haja vista sua inércia e covardia ante a sua capacidade de fazer uso de seu intelecto para compreender e agir.

(ROUSSEAU, 2017, p. 15). Tal liberdade corresponde a um uso da razão que visa difundir entre os seres humanos o Esclarecimento.

Kant (2008, p. 3) entende por uso público da razão “o que fazemos enquanto sábios para o conjunto do público que lê”; assim, considerando que seja esta a percepção de Rousseau, enquanto, de um lado, diz não escrever para ninguém está, na verdade, apontando para a necessidade de fazer uso de sua liberdade em todos os domínios, a despeito de também estar fisicamente exilado; de outro, impossível não conceber que ele escreve “sabendo” que será lido e que o resultado de sua negação a um leitor ilustrado conduz esse leitor justamente ao seu próprio esclarecimento, não falando apenas para filósofos ou doutos, mas para um público bem mais amplo, incitando-os a fazer uso, assim como Rousseau, de sua liberdade de pensar.

Ao modo de Voltaire, em seu *Dicionário Filosófico*, publicado em 1764, que “[...] entende que, para persuadir seus leitores, a melhor estratégia é tocá-los, fazer vibrar sua sensibilidade, pôr em movimento sua imaginação [...]” (PIMENTA, 2020), Rousseau também convida seus leitores, subtraindo-os e o próprio autor deles estando subtraído, a devanear a fim de chegar a si mesmos, enquanto o autor persegue, ainda que não tenha conseguido concluir seu trabalho visto que veio a falecer em 1778, seu próprio questionamento: o que sou? Questionamento este que conduz seus leitores a também se perguntarem: o que somos? O que fizemos e fazemos de nós?

2 FILÓSOFO EM DEVANEIOS: O QUE SOU?

O questionamento de abertura da “Primeira caminhada” – “o que sou?” – exige de Rousseau um empreendimento que leva o filósofo, necessariamente, a passar por “eles” para chegar ao “eu”. Nessa empreitada, Rousseau insiste sobre o “[...] problema da imagem e de seu desvio em relação ao original⁵, a ‘Primeira Caminhada’ integra, embora de revés, o processo sócio-político no qual a *opinion publique* progressivamente se firmou como expressão do programa crítico esclarecido [...]” (FIGUEIREDO, 2007, p. 152). Assim, reitera Figueiredo (2007, p. 153):

[...] Voltar o espelho dos costumes contra o público para revelar suas feridas ou reaver a natureza originária do homem sob suas determinações sociais apoia-se em uma operação de recuo diante das significações correntes, graças à qual estes se tornam questionáveis com base na referência a conceitos normativos tais como “liberdade”, “piedade”, “simplicidade” ou até “virilidade”. Basta, portanto, que os costumes produzam crenças que progressivamente se sedimentam como verdades para

⁵ Curioso que, em outros momentos desse mesmo texto, Rousseau assume se encontrar em repouso, livre do julgo do bem e do mal, consolado e ocupado por si mesmo tão somente, mas, ao mesmo tempo, continua incomodado com a deturpação que fizeram de sua imagem como filósofo, o que motiva sua busca por esse eu não-corrompido, que, inicialmente, em *Confissões* e *Diálogos*, fora investida de um sentido positivo. Tal constatação reforça o argumento defendido neste texto.

que o dispositivo crítico seja acionado, prescindindo do recurso a qualquer fundamento metafísico ou positivo [...].

De modo a defender sua integridade moral e, em certa medida, seu papel de filósofo, Rousseau não mais o faz de maneira a responder a essas difamações ansiando mostrar a seu público a verdade, pelo contrário, por meio do devaneio suas impressões ganham forma, sua imaginação, força, estando desprovido do compromisso de “comunicar o que seja, seja a quem for” (FIGUEIREDO, 2007, p. 153), o que não significa, porém, que seu discurso nada comunique, mas que essa liberdade conferida a si mesmo é causa de dizer o que se diz e como se diz, sobretudo quanto ao efeito que tem para seu discurso a aparente inexistência de um público.

O movimento, portanto, é diverso: dobrando-se sobre si mesmo, o discurso interrompe o fio de transmissão que o ligava ao mundo das *doxai*, insinuando que a opinião pública sobre a qual se assentava o debate não interessa mais que a fantasia com que se entretém o leitor *voyeur*. Assim, nenhum recurso *in extremis* aos fatos, nem, tampouco, confronto e remanejamento das significações correntes que visasse corrigir ou simplesmente problematizar o senso comum a partir da referência a categorias normativas da moral. Somente um desconvite, mas que [...] incide diretamente sobre o código de leitura familiar à Ilustração, na medida em que não há como ater-se à narrativa sem, com isso, violar por decisão própria a premissa de que a leitura de um texto é a ocasião em que motivações particulares são depuradas, dando lugar à perspectiva do debate entre ideias [...] (FIGUEIREDO, 2007, p. 153-154).

Nesse sentido é que se faz possível afirmar, em *Devaneios*, a presença de um filósofo das Luzes ainda que contradito a elas, pois o emprego de sua razão, abrindo-se para a fantasia, o leva a examinar severa e sinceramente as modificações de sua alma e seus encadeamentos (ROUSSEAU, 2017, p. 21), e, embora afirme que, se Montaigne “escrevia seus ensaios apenas para os outros, escrevo meus devaneios apenas para mim” (ROUSSEAU, 2017, p. 21), o filósofo faz de sua filosofia “[...] um antídoto à irreflexão e, logo, uma arma contra o dogmatismo que esta última engendra” (PIMENTA, 2020).

Antecipando aporias de hoje, Rousseau parece ter percebido que a dificuldade envolvendo a ideia de esfera pública está menos em que a opinião possam falsear a verdade, o que seria, em princípio, corrigível, do que na saturação dos signos e na fragmentação de interesses que ela propicia. Por isso, com a “Primeira Caminhada” a ênfase desloca-se *do que é visto ao como se vê* [...] (FIGUEIREDO, 2007, p. 154).

Rousseau em seus *Devaneios* procura pelo *o que é* em consonância com sua situação com *como* tem sido. Por isso a assunção, já manifesta anteriormente, de que esse discurso é um ato performativo, no sentido de que a razão, para o filósofo, o determina a ser o que ele é, na esteira de Voltaire⁶ (2008). Segundo Rousseau (2017, p. 20-21),

Estas folhas [de *Os devaneios de um caminhante solitário*] serão propriamente apenas um informe diário de meus devaneios. Muito se dirá a meu respeito, pois um solitário que reflete se ocupa necessariamente de si mesmo [...]. Estas folhas podem, portanto, ser vistas como um apêndice de minhas Confissões, mas já não lhes dou mais esse título, não encontrando mais nada a dizer que possa merecê-lo [...]. Não tenho por que me louvar nem por que me condenar: sou hoje inexistente entre os homens, e isso é tudo que posso ser, não tendo mais com eles relação real ou verdadeiro convívio; não podendo mais fazer nenhum bem que não se converta em mal; não podendo mais agir sem prejudicar a outrem ou a mim mesmo.

Esse jogo retórico confere ao dizer de Rousseau múltiplas acepções coexistentes, pois ele já não sendo mais ninguém diz a nenhuma a pessoa sobre nada, haja vista que esse algo (o que sou?), por ora, permanece opaco a sua visão. Um leitor apressado poderia concluir que, então, tais *Devaneios* de nada servem a absolutamente ninguém, porém, e aqui finalizo esta breve análise, as Luzes não foram senão um conflito sobre o sentido a dar ao conflito (BINOCHE, 2018), sendo assim, “Pas de Lumières sans critique, pas de critique sans tiers, pas de tiers sans fiction” (BINOCHE, 2018, p. 27). É nessa chave que proponho uma leitura da “Primeira caminhada” de *Os devaneios do caminhante solitário*.

REFERÊNCIAS

BINOCHE, B. *Écrasez l’infâme! Philosopher à l’âge des Lumières*. Paris: La Fabrique éditions, 2018.

FIGUEIREDO, V. de. O texto sem leitor (nota a uma caminha). **O que nos faz pensar**, [S. l.], v. 16, n. 22, p. 145-164, 2007. Disponível em: <https://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/oqnf/article/view/238>.

⁶ “Meus filósofos são pessoas honestas que não têm princípios fixos sobre a natureza das coisas, que não sabem o que ela é, mas que sabem muito bem o que ela não é” (Voltaire, *Carta a D’Alembert*, de 5 de abril de 1766). Desse modo, Rousseau, enquanto procura responder “o que sou”, desdobra pelo discurso, embora diga que a opinião alheia não mais incide sobre si, justamente o que ele não é; método esse distinto daquele adotado em *Confissões* e *Diálogos*, narrativas nas quais tenta dizer o que é (em sentido positivo) e é por isso muito mal compreendido; agora, em *Devaneios*, já desprovido da força de um público, ao qual ele virou as costas, e que, portanto, não mais lhe pressiona a respeito de seus princípios, é chegada a hora de o filósofo dizer aquilo que não é na busca de entender como tem sido.

KANT, I. **Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento?** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Brasília: Casa das Musas, 2008.

PIMENTA, P. P. **A filosofia das Luzes e seus inimigos.** Folha de S. Paulo, 2020.
Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/resenhas/f/a-filosofia-das-luzes-e-seus-inimigos?fbclid=IwAR3r00tbUTQagUfKszgAojXkMKFMYA5IKL29ArFXAVFk9nZAIjATw4UqbLE>.

ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário.** Tradução de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

VOLTAIRE. **Dicionário filosófico.** São Paulo: Escala, 2008.